

A poesia de A. Ramos Rosa ou a demanda como participação cósmica

Raquel Andrade*

Saboreando a língua nos meus lábios
entrei no ninho do olvido
Sou uma lenta abelha misteriosa
um silêncio verde
um beijo que sorri no seu segredo sem horizonte.

Estou na garganta de uma árvore do mar
Sou um astro que desliza como uma serpente
sou a ilha de um só pássaro perdido
sou o oásis recolhido num nó que estremece
Ninguém me conhece, sou um nómada subterrâneo
respiro uma flor que não encontrou o seu caminho
vejo um muro branco na noite, rutilando
Talvez me encontrasse e me reconhecesse sem uma única nuvem
Cansei-me da minha sabedoria vã
Cansei-me de dizer a mesma palavra sempre sem a dizer
Cansei-me de estar vivo e de morrer.

Quero repousar sobre os raios do vento
quero sentir a minha fragilidade nua
e reconstituir-me a partir do nada que sou
para entrar no coração do mundo.

* Professora e investigadora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

O poema inédito de António Ramos Rosa parece constituir-se, tal como a quase totalidade da sua poesia, como um meio e um fim definido e sempre procurado que é o do seu retorno a uma matinal harmonia, à plena participação cósmica pela via do olvido e da ignorância, do amor, da nudez e do abandono, ferramentas que procura e encontra na própria deambulação pelas palavras.

De facto, o desejo do Poeta parece realizar-se, gradualmente, na linguagem poética, no seu próprio advir, sempre «actualizado na espontânea imediatez da palavra»¹, como o afirma o próprio António Ramos Rosa, em *A dinâmica inaugural da linguagem*:

Sempre através dos sentidos, em unidade sensível com o real, utilizando a sua corpórea realidade – «a língua» e «os lábios» – o poeta empreende o movimento intrínseco para o «olvido» de que «o ninho» é metáfora fecunda e repousante. Nele se consuma, com efeito, esse recolhido abandono capaz de gerar o lento movimento de catábase e de ascensão, o mistério e a abertura imprescindíveis à criação de mundos.

Alcançado, assim, o primeiro passo do seu desejo – «o olvido» – é possível, pelo seu paciente labor de poeta activo, qual «abelha misteriosa» chegar à conquista do «silêncio» vegetal, cósmico, que o dispersa e o unifica, conduzindo-o à plenitude e à comunhão com o mundo, agora, pelo afecto, numa íntima revelação de amor – verdadeira epifania – manifestada no «beijo que sorri no seu segredo sem horizonte». Será, então, o amor a energia que opera a junção do mundo humano e do mundo natural, englobando esta relação a total união das diversas categorias: o sujeito e o objecto, o espaço sem horizonte, o instante do deslumbramento e o acto do inefável sorriso que a todas funde e difunde, no corpo inaugural do cosmos. Compreende-se, pois, que o poeta alcance uma total intimidade com «a garganta de uma árvore do mar» ou a coincidência com «a ilha de um só pássaro perdido», ou com «o oásis recolhido num nó que estremece», verdadeira construção de um corpo que é, simultaneamente, «o mundo do seu corpo e o corpo do seu mundo», como o refere o próprio Poeta num apontamento inédito, *A composição dos mundos*: «Não acreditava noutra eternidade que não fosse a do instante total em que, em uníssono com a respiração da terra, vivia o absoluto efémero da unidade do nascimento do mundo. Na íntegra pureza desse momento, a pátria aparecia-me, na sua nudez essencial, como o mundo do meu corpo e o corpo do meu mundo»².

A contemplação e a respiração íntimas são assim, inevitavelmente, espaço-tempo, contemplante e contemplado, plenitude essencial que exala íntimas presenças, como a luz de «um muro branco rutilando na noite» ou o aroma da flor que se oferece no Aberto, sem caminhos, recolhida, na sua música e no seu

silêncio. Todas as evidências se anulam e se consomem no mesmo instante, na plena floração do mundo que é, também, a página branca onde o poeta reconquista a plenitude inaugural na absoluta nudez e no mais íntimo abandono. Só então se torna possível ser leveza e densidade: a imponderabilidade da respiração cósmica – ser luz «nos raios do vento» –; e a densa espessura da pedra que permita ao poeta cair no fundo do si mesmo para um reconhecimento íntimo e transparente, «sem uma única nuvem».

Ser o «nómada subterrâneo» é, por isso, a condição do poeta que, como Alberto Caeiro, sempre em deambulação discreta, mas intrínseca, se contempla no cosmos e contempla o cosmos no seu mundo interior, realizando, assim, consecutivamente, um verdadeiro movimento centrípeto e centrífugo, «ao coração do mundo» e ao coração de si próprio.

Não é, porém, com palavras vãs, sempre ditas, gastas, e saídas da insustentável tensão da existência, que atingirá o reconhecimento de si no cosmos e do cosmos em si: a sua palavra é nova em cada floração e ela nasce «da ignorância como reserva da sabedoria (...), sem a imposição do saber ou do conceito»³ como escreve António Ramos Rosa, num pequeno ensaio sobre «A arte contra o sistema» em que analisa a poesia como possibilidade libertadora do instante. A própria fragilidade pode constituir um modo privilegiado de percepção do mundo, uma vez que ela se torna «extremamente receptiva e aberta às vozes da terra e do silêncio, nos seus espaços puros, nos seus elementos nutritivos»⁴.

Assim, tudo se perspectiva a partir de um olhar de inocência, da «sageza da inocência», como António Ramos Rosa gosta de definir a sua visão de nudez e de abandono, reconquistados, num jogo permanente contra a instabilidade, o tédio, os ruídos do mundo: «É a inocência que infunde às palavras a vivacidade elemental» porque «a actividade constituinte do sujeito é indissociável da sua receptividade» — explica o Poeta — e, como tal, «o sujeito e o mundo reconstituem-se reciprocamente numa génese de uma espontaneidade que antecede a separação do sujeito e do mundo e as determinações reflexivas que delimitam e circunscrevem objectivamente o real»⁵.

Por conseguinte, aquele que mantém uma relação constituinte, vital e transcendente com o mundo, como o Poeta, apreende, com mais facilidade, mas sempre num equilíbrio precário, como ele insistentemente refere, «a alteridade transcendente da coisa percebida»⁶. Mesmo assim, e porque «o inexprimível é o fundo da natureza humana»⁷, o Poeta aspira, invariavelmente, a entrar no «coração do mundo» e demanda, na «corrente projectiva» das palavras, a ausência essencial que elas tornam presente: «Quando verei o país do meu primeiro assombro?», interroga-se o Poeta, sempre em renovada esperança, num outro poema inédito.

É que, em António Ramos Rosa, a demanda é já participação cósmica...

Notas

- ¹ António Ramos Rosa, *A Dinâmica Inaugural da Linguagem*, Badajoz, Espacio/Espaço Escrito, 1997, p. 182.
- ² Ensaio inédito gentilmente oferecido pelo Poeta.
- ³ *Ibidem*.
- ⁴ António Ramos Rosa, *A Arte contra o sistema*, ensaio gentilmente oferecido pelo Poeta.
- ⁵ António Ramos Rosa, *A dinâmica inaugural da linguagem*, Espacio/Espaço escrito, 1997, p.183.
- ⁶ *Ibidem*.
- ⁷ *Idem*, p.182.